

CONSELHO SUPERIORCARMINO ANTONIO DE SOUZA, EDUARDO MOACYR
KRIEGER, FERNANDO FERREIRA COSTA, JOÃO FERNANDO
GOMES DE OLIVEIRA, JOÃO GRANDINO RODAS,
JOSÉ GOLDEMBERG, MARILZA VIEIRA CUNHA RUDCE,
JOSÉ DE SOUZA MARTINS, PEDRO LUIZ BARREIROS PASSOS,
PEDRO WONGTSCHOWSKI, SUELY VILELA SAMPAIO**CONSELHO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO**CARLOS AMÉRICO PACHECO
DIRETOR-PRESIDENTECARLOS HENRIQUE DE BRITO CRUZ
DIRETOR CIENTÍFICOFERNANDO MENEZES DE ALMEIDA
DIRETOR ADMINISTRATIVO**CONSELHO EDITORIAL**Carlos Henrique de Brito Cruz (Presidente), Caio Túlio Costa,
Eugênio Buccì, Fernando Reinach, José Eduardo Krieger,
Luiz Davidovich, Marcelo Knobel, Maria Herminia Tavares de
Almeida, Marisa Lajolo, Mauricio Tuffani, Mônica Teixeira**COMITÊ CIENTÍFICO**Luiz Henrique Lopes dos Santos (Presidente),
Anamaria Aranha Camargo, Ana Maria Fonseca Almeida,
Carlos Américo Pacheco, Carlos Eduardo Negrão, Fabio Kon,
Francisco Antônio Bezerra Coutinho, Francisco Rafael Martins
Laurindo, José Goldemberg, José Roberto de França Arruda,
José Roberto Postal Parra, Lucio Angnes, Luiz Nunes de
Oliveira, Marie-Anne Van Sluys, Maria Júlia Manso Alves,
Paula Montero, Roberto Marcondes Cesar Júnior, Sérgio
Robles Reis Queiroz, Wagner Caradori do Amaral, Walter Colla**COORDENADOR CIENTÍFICO**

Luiz Henrique Lopes dos Santos

DIRETORA DE REDAÇÃO

Alexandra Ozorio de Almeida

EDITOR-CHEFE

Nelson Marcolin

EDITORES Fabrício Marques (Política de C&T),
Marcos de Oliveira (Tecnologia), Ricardo Zorzetto (Ciência),
Carlos Fioravanti e Marcos Pivetta (Editores especiais),
Mária Guimarães (Site), Bruno de Pietro (Editor-assistente)**REPÓRTERES** Yuri Vasconcelos e Rodrigo de Oliveira
Andrade**REDATORES** Jayne Oliveira (Site) e Renata Oliveira
do Prado (Mídias Sociais)**ARTE** Mayumi Okuyama (Editora), Ana Paula Campos
(Editora de infografia), Júlia Cherem Rodrigues
e Maria Cecilia Felli (Assistentes)**FOTÓGRAFOS** Eduardo Cesar e Léo Ramos Chaves**BANCO DE IMAGENS** Valter Rodrigues**RÁDIO** Sarah Caravieri (Produção do programa Pesquisa Brasil)**REVISÃO** Alexandre Oliveira e Margô Negro**COLABORADORES** Alexandre Beraldo, Augusto Zambonato,
Christina Queiroz, Cláudio Machado, Diego Freire, Elisa
Carareto, Evanildo da Silveira, Fabio Otubo, Gabriela
Pellegrino Soares, Luana Geiger, Pedro Hamdan, Reginaldo
C. Moraes, Renato Pedrosa, Victória Flório, Zaire

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL
DE TEXTOS, FOTOS, ILUSTRAÇÕES E INFOGRÁFICOS
SEM PRÉVIA AUTORIZAÇÃO

TIRAGEM 25.700 exemplares**IMPRESSÃO** Plural Indústria Gráfica**DISTRIBUIÇÃO** DINAP**GESTÃO ADMINISTRATIVA** FUSP – FUNDAÇÃO DE APOIO
À UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**PESQUISA FAPESP** Rua Joaquim Antunes, nº 727,
10º andar, CEP 05415-012, Pinheiros, São Paulo-SP**FAPESP** Rua Pio XI, nº 1.500, CEP 05468-901,
Alto da Lapa, São Paulo-SP

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CARTA DA EDITORA

Dois passos para trás, um para frente

Alexandra Ozorio de Almeida | DIRETORA DE REDAÇÃO

Uma das críticas frequentemente direcionadas à mídia que cobre ciência e tecnologia é que apenas os sucessos são objeto de atenção. A reclamação procede: o jornalismo gira em torno de notícias e a “antinode” tende a ser de interesse de um público mais reduzido.

A reportagem de capa desta edição (*página 18*) não traz uma “não notícia”, mas recupera um tema de muito destaque na década passada que saiu da pauta de cobertura sobre ciência: a terapia com células-tronco adultas. Encontradas principalmente nos embriões, mas também em alguns tecidos adultos como o adiposo (gordura), as células-tronco têm a capacidade de se transformar em células de diversos tipos. A chamada plasticidade das embrionárias é maior, mas os desafios éticos desse tipo de pesquisa levaram a atenção de muitos cientistas às adultas. Na virada do milênio, publicações científicas em periódicos importantes sugeriam que ambas teriam propriedades equivalentes. Ao serem injetadas em órgãos danificados, como um coração infartado, esperava-se que as células-tronco adultas pudessem originar vasos sanguíneos e células cardíacas. Teve início uma série de ensaios clínicos – testes em pessoas – que foram amplamente noticiados.

Hoje, sabe-se que as células-tronco adultas não são tão versáteis quanto prometiam. Os resultados dos ensaios não foram animadores. Mas isso não significa que tenham sido descartadas como possível tratamento ou que os esforços tenham sido desperdiçados. Na ciência, o negativo também é um resultado; mesmo que não renda prêmios ou resulte em publicações, contribui para o avanço do conhecimento, até mesmo para a reflexão sobre a decisão de dar início aos ensaios clínicos naquele momento. Os resultados levaram os pesquisadores a voltar para a

bancada. Querem entender os mecanismos que aparentemente fazem essas células-tronco liberarem compostos que ajudam na revascularização e na irrigação do músculo cardíaco danificado. A promessa atual, mais modesta, é que a implantação de células-tronco adultas pode ser um tratamento complementar a outros já existentes.

A avaliação do sistema nacional de pós-graduação é tema de reportagem na página 30. A necessidade de aferir se os programas atendem aos objetivos de formação de pessoal não é questionada, mas os critérios e o peso atribuído a cada um deles são objeto de amplo – e saudável – debate no meio acadêmico.

A regularidade desse processo de avaliação faz dele um pilar importante não apenas do sistema de ensino superior como também do de pesquisa, pois seus resultados são um parâmetro que norteia a distribuição de bolsas e recursos aos programas e grupos de pesquisa a eles associados. Seu peso no sistema de ensino superior e pesquisa acirra as discussões. Críticas frequentes são que o modelo de avaliação privilegia programas consolidados ou que os critérios variam de peso entre diferentes áreas de conhecimento.

O sistema cresce de forma consistente há muitos anos, mas o aumento da oferta de vagas não necessariamente resulta em bons programas: sinal disso é que aqueles que receberam a nota 3, mínima para continuarem credenciados, representam 32,86% do total; os considerados de excelência, com nota 6 e 7, somam 11,14% do total. Por outro lado, programas mal avaliados, com nota 1 ou 2, são descredenciados, e a prática da avaliação regular mobiliza os corpos docente e discente a melhorar seu desempenho, construindo gradativamente um sistema de ensino superior e pesquisa melhor.